



(RE)ESISTÊNCIA, MARGEM E COMUNIDADES TRADICIONAIS:

Narrativas insurgentes entre jovens da Escola de Formação Política do Maranhão em tempos de pandemia/Covid-19

(RE)ESISTENCE, MARGIN AND TRADITIONAL COMMUNITIES:

Insurgent narratives among young people from the Maranhão Political Training School in times of pandemic/Covid-19

(RE)ESISTENCIA, MARGEN Y COMUNIDADES TRADICIONALES:

Narrativas insurgentes entre jóvenes de la Escuela de Formación Política de Maranhão en tiempos de pandemia/Covid-19

**(RE)RESISTENCE, MARGE ET COMMUNAUTES
TRADITIONNELLES:**

Récits insurgés chez les jeunes de l'École de formation politique du Maranhão en temps de pandémie/Covid-19

Dayanne da Silva Santos

Mulher negra, mãe, socióloga e de terreiro. Doutoranda do programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFRGS, pesquisadora do GEDMMA/UFMA.
Maranhão, Brasil.

lavignedayanne@gmail.com



<https://orcid.org/0000-0002-6583-0705>

Gleydson de Castro Oliveira

Arte-educador. Bonequeiro. Educador Popular. Pertencente ao povo Anapuru Muypurá da região do Baixo Parnaíba (MA). Mestrando em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas (UFRB), pós-graduando em História e Cultura Afro-brasileira e Indígena (IFBaiano) e licenciado em Teatro (UFMA), Maranhão/Brasil.

gc.pesquisateatro@gmail.com

Joércio Pires da Silva

Liderança Quilombola, mestre em Cartografia Social da Amazônia pela UEMA e membro Grupo de Estudos: Desenvolvimento, Modernidade e Meio Ambiente (GEDMMA/UFMA)

Maranhão, Brasil.

8leleco8@gmail.com

Recebido em: 24/01/2023

Aceito para publicação: 16/05/2023

Resumo

Este texto é resultado das articulações e reflexões tecidas em coletivo durante os encontros da Semana de Narrativas Insurgentes: Trocas e Partilhas entre os Jovens da Formação Política, envolvendo mais de 20 jovens de comunidades afetadas por grandes empreendimentos no Maranhão. Entre os dias 29 de junho a 3 de julho de 2020 das 14h às 17h estivemos reunidos via plataformas digitais (on-line) ouvindo, conversando e partilhando escutas de cura e que possibilitaram um olhar mais ampliado dos modos de enfrentamento da crise sanitária em contextos locais. Compartilhamos aqui as escutas e as falas como atos políticos que inscrevem corpos não brancos em lugares onde se está em jogo a permanência de estar vivo na contemporaneidade mesmo diante do Covid-19. Das escutas dos jovens cursistas da escola de formação política fica evidente que o que mais mata não é o vírus, mas o Estado com a expansão de trilhos, rodovias, avenidas, ferrovias e linhões sobre territórios de povos e comunidades tradicionais. Essa é uma pandemia histórica que rasga as geografias dos corpos territórios de bem viver que não desejam as políticas de morte da modernidade.

Palavras – Chave: Corpo, Pandemia, Resistências e Territórios.

Abstract

This essay is the result of the articulations and reflections made collectively during the meetings of the Week of Insurgent Narratives: Exchanges and Shares among the Young People of Political Formation, involving more than 20 young people from communities affected by large enterprises in Maranhão. Between June 29 and July 3, 2020 from 2:00 pm to 5:00 pm we were meeting via digital platforms (online) listening, talking and sharing healing wiretaps, which enabled a broader look at the ways of coping with the health crisis in contexts locations. We share here the wiretaps and the speeches as political acts that inscribe non-white bodies in places where the permanence of being alive in contemporary times is at stake, even in front of Covid-19. From listening to young students at the political training school, it is evident that it is not the virus that kills the most, but the State with the expansion of tracks, highways, avenues, railways and lines over the territories of traditional peoples and communities. This is a historic pandemic that rips the geographies of the territorial bodies of good living that do not want the death policies of modernity.

Keywords: Body, Pandemic, Resistances it is Territories.

Resumen

Este texto es el resultado de articulaciones y reflexiones entretejidas durante los encuentros de la Semana de Narrativas Insurgentes: Intercambios y Compartimientos entre Jóvenes en la Educación Política, que involucró a más de 20 jóvenes de comunidades afectadas por grandes emprendimientos en Maranhão, el 3 de julio de 2020, de 14 a 17 horas, nos reunimos a través de plataformas digitales (online) escuchando, conversando y compartiendo escuchas sanadoras, que permitieron una visión más amplia de las formas de afrontar la crisis sanitaria en los contextos locales. Aquí compartimos las escuchas y los discursos como actos políticos que inscriben cuerpos no blancos en lugares donde está en juego la permanencia del estar vivo en el mundo contemporáneo, incluso frente a la Covid-19. De escuchar a los jóvenes que toman cursos en la escuela de formación política, se evidencia que lo que más mata no es el virus, sino el Estado con la expansión de rieles, carreteras, avenidas, vías férreas y líneas sobre territorios de pueblos y comunidades tradicionales. Esta es una pandemia histórica que desgarrar las geografías de los cuerpos, territorios del buen vivir que no quieren las políticas de muerte de la modernidad.

Palabras clave: Cuerpo, Pandemia, resistências es territorios.

Résumé

Ce texte est le résultat d'articulations et de réflexions tissées lors des rencontres de la Semaine des récits insurgés : échanges et partages entre jeunes en éducation politique, impliquant plus de 20 jeunes des communautés touchées par les grandes entreprises du Maranhão. 2020, de 14h à 17h, nous étions réunis via des plateformes numériques (en ligne) d'écoute, de parole et de partage d'écoute de guérison, ce qui a permis d'avoir une vision plus large des manières de faire face à la crise sanitaire dans les contextes locaux. Ici, nous partageons l'écoute et les discours comme des actes politiques qui inscrivent des corps non blancs dans des lieux où la permanence d'être vivant dans le monde contemporain est en jeu, même face au Covid-19. À écouter les jeunes qui suivent des cours à l'école de formation politique, il est évident que ce qui tue le plus n'est pas le virus, mais l'État avec l'expansion des rails, des autoroutes, des avenues, des voies ferrées et des lignes sur les territoires des peuples et communautés traditionnels. C'est une pandémie historique qui déchire les géographies des corps, territoires du bien vivre qui ne veulent pas des politiques de mort de la modernité.

Mots clés: Corps, Pandémie, résistances c'est territoires.

ESCUTAS QUE GERMINAM: introdução

Desde o final do ano de 2019 o mundo vem enfrentando o combate ao avanço do Covid-19, que se alastrou mundialmente ameaçando e ocasionando mortes em massa, de pessoas diversas, independente de classe social. No entanto, no Brasil, o Covid-19 escancarou desigualdades já existentes dentro de uma estrutura de opressão fundada no colonialismo e escravatura, no qual, as relações em grande parte racializadas revelam que quem mais morre no país são corpos não brancos.

No ano de 2020, estamos testemunhando uma das crises mundiais que revela a permanência de um sistema capitalista que ao criar estratificações sobre quais vidas são mais valoradas, apresenta a guerra como meio pelo qual mesmo diante da pandemia o *modus operandi* de exploração não cerca. Nos últimos meses, as grandes mídias foram palcos de discursos de desgovernos e que enfraquecem ainda mais a precária cidadania existente no país.

Em meio as diversas medidas de combate ao Covi-19: uso de máscaras, álcool, lavar às mãos com mais frequência usando água e sabão, evitar levar as mãos ao rosto, uso em massa de diversos tipos de máscaras dentre outras., queremos destacar aqui os efeitos do isolamento físico na vida de jovens de mais de 8 comunidades tradicionais no Maranhão. A saber, desde que o Brasil foi invadido o isolamento social é histórico e cultural e vai desde as relações hierárquicas, dicotômicas e racistas que fundamentam as relações de poder com uso do controle e dominação, e que continua a recriar o "outro", tido como inferior, da margem e atrasado.

Todavia, é partindo da margem que pessoas não brancas lutam diariamente por bem-estar, saúde, educação, moradia, ou seja, por justiça social. Diversos são os sujeitos que se organizam em associações, sindicatos, coletivos, ou seja, nos mais variados grupos para reivindicar justiça social. "Estar na margem é fazer parte de um todo, mas fora do corpo principal" (hooks, 2019). Nas extremidades, sujeitos não brancos desenvolvem um modo particular de olhar com visões de mundo contestadoras que ampliam, recriam e criam espaços alternativos de fala, porque falar é existir. A intelectual negra brasileira Conceição Evaristo em uma entrevista sobre sua

premiação ao prêmio Jabuti de literatura e sobre a importância de falar, escrever e publicar invocou a figura da escravizada Anastácia para pontuar que: “eu tenho dito muito que a gente sabe falar pelos orifícios da máscara e às vezes a gente fala com tanta potência que a máscara é estilhaçada. E eu acho que o estilhaçamento é o símbolo nosso, porque a nossa fala força a máscara¹”.

O estilhaçamento é a ruptura com essa sociedade adoecida pelo capitalismo e moldada no racismo. É também a insurgência, o poder de emergir dos escombros, de se reivindicar enquanto grupo étnico, enquanto pessoas que carregam e são em suas ações cotidianas ancestralidades. Estilhaçar é descolonizar nossas bocas, olhos e mentes.

Na produção de espaços de cura, socializamos aqui a escuta da *Escola de Formação Política*² coordenada pelo Grupo de Estudos: Desenvolvimento, Modernidade e Meio Ambiente³ (GEDMMA/UFMA) e pela Associação Justiça nos Trilhos⁴ (JNT); contando com o apoio do Coletivo Encontros Marginais – pedagogias das resistências e escritas negras e originárias, e Coletivo Popular Pinga Pinga, ambos compostos por pessoas ativistas, periféricos, de terreiro e de comunidades tradicionais situadas por todo o Maranhão. E com apoio financeiro Fundação Ford e da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão – FAPEMA para os encontros presenciais que se dão durante um final de semana em uma das comunidades dos cursistas.

Sobre como nasce a Escola de Formação Política, o sociólogo brasileiro Horácio Antunes de Sant’Ana Júnior, um dos coordenadores do GEDMMA, escreveu no prefácio do livro, “Liberdade caça jeito: a história de todos na história de cada um”, publicado em 2019:

Nos anos de 2013 e 2014, foram realizadas as quatro etapas preparatórias do Seminário Internacional Carajás 30 anos: mobilizações e resistências frente a projetos de desenvolvimento na Amazônia oriental, que culminou em um grande evento em maio de 2014, na Universidade Federal do Maranhão, em São Luís. Foi durante esse processo que a demanda por um curso de formação política surgiu e tomou consistência (BRUSTOLIN, 2019, p. 12).

O livro é resultado das articulações e reflexões de teorias revolucionárias (hooks, 2017) escritas pelos jovens que participaram de 2014 a 2017 dos encontros da escola de formação política. Reivindicamos aqui a escuta e a fala como atos políticos que inscrevem corpos não brancos em lugares onde se está em jogo a permanência de estar vivo na contemporaneidade mesmo diante do Covid-19.

As reflexões aqui nesse texto partem de um intercâmbio de uma educação continuada entre a primeira turma e a segunda. Das escutas de mais de 20 jovens cursistas da Escola de Formação

¹Carta Capital, 13 de maio de 2017. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/conceicao-avaristo-201cnossa-fala-estilhaca-a-mascara-do-silencio201d/>> Acesso em: 15/10/2020.

² Mais informações: <<https://www.youtube.com/watch?v=gyGo9YmnHos>> Acesso em: 15/10/2020. “A Formação Política é realizada pela Associação Justiça nos Trilhos em parceria com o GEDMMA/UFMA, de São Luís. A formação reuniu comunidades impactadas pelo corredor de Carajás e promove trocas de experiências entre elas, fortalecendo laços e contribuindo com formação crítica sobre as violações provocadas pela EFC”, <https://www.justicanostrilhos.org/novo/2020/06/19/oficina-de-musica-populares-formacao-politica/>

³ Mais informações em: <https://gedmma.webnode.page/sobre-nos/>

⁴ Mais informações em: <https://justicanostrilhos.org/>

Política fica evidente que o que mais mata não é o Covid-19, mas o Estado com a expansão de trilhos, rodovias, avenidas, ferrovias e linhas sobre territórios de povos e comunidades tradicionais. Nesse contexto, a necropolítica (MBEMBE, 2019) é executada pela máscara do desenvolvimento econômico. Essa é uma pandemia histórica que rasga as geografias dos corpos territórios de *bem viver* que não desejam as políticas de morte da modernidade, políticas essas pensadas em sua grande maioria de cima para baixo.

Compartilhamos aqui palavras que reivindicam outras concepções para se dizer humanidade. Palavras que partem dos lugares de inscrições de jovens de comunidades tradicionais de São Luís e do interior do Maranhão. Onde as teorias mobilizadas emanam das escutas e são intrinsecamente curativas, libertadoras e revolucionárias (hooks, 2017) e além de fornecerem reflexões críticas e ampliadas sobre territórios, pandemia e cura.

Nesse contexto, os processos de cura partem das escutas das relações tecidas pelo/no território e socializadas nos encontros da Escola de Formação Política e envolvem a possibilidade da pessoa se repensar diante da espreita da morte: hábitos, usos e costumes de uma modernidade desenvolvimentista. O ouvir o outro, a escuta compartilhada revelou dentre muitas coisas como os jovens estavam se distanciando das questões ligadas ao seu lugar, principalmente das formas tradicionais/locais de curar com folhas e benzimentos. Saberes esses exportados e rebaixados pelo avanço da modernidade sobre seus corpos/mentes. Em que o existir estava em grande medida associado a padrões de validações de sujeitos brancos, que ainda reivindicam o Ocidente como centro para subjugar outras civilizações.

QUINTAL: espaço ancestral

Durante a Pandemia, os encontros da Escola de Formação Política estão acontecendo de forma on-line pelo uso da plataforma do Google Meet. O uso da internet nas comunidades é mais precário e bem mais difícil, mas nas comunidades acompanhadas pelo GEDMMA e JNT tem se conseguido algumas redes de transmissões de internet, e o acesso dos cursistas se dá principalmente por seus celulares.

Uma primeira conversa foi feita em particular com cada cursista a fim de se mapear a possibilidade e interesse destes em manter os encontros da formação política em atividades remotas. Dessas conversas, o interesse foi de 100% e uma das justificativas foi a necessidade de se reunirem para compartilhar como estavam se sentindo e sentindo seus territórios nesse momento de pandemia.

Assim, entre os dias 29 de junho a 3 de julho de 2020 das 14h às 17h estivemos enquanto organizadores do encontro ouvindo, conversando e partilhando escutas. Os encontros da *Semana de Narrativas Insurgentes: Trocas e Partilhas entre os Jovens da Formação Política*, aconteceram com formações internas e lives externas. Durante a semana aconteceu uma série de atividades desenvolvidas de forma on-line por meio dos Aplicativos: Google Meet, Instagram e Youtube. As formações internas e avaliações ocorreram pelo Google Meet. Optamos por um aplicativo fechado, que garantisse a segurança dos jovens da formação, esses foram encontros mais restritos, pois observamos que em muitos outros encontros on-line estavam sendo invadidos por pessoas contrárias às articulações da luta contra o racismo.

É importante pontuar que dois de nós (Dayanne e Joércio) fomos cursistas da primeira turma, e hoje somos educadores populares ocupando espaços na pós-graduação. Joércio é atualmente

educador popular contratado pelo JNT e um dos coordenadores da nona turma de Formação Política. Já Gleydson (Lucca) foi facilitador e oficinairo da primeira turma e também está na pós-graduação. Assim, ouvimos e falamos desde dentro.

Na *Semana de Narrativas Insurgentes*, contamos com a participação de pessoas ativistas que a partir de suas vivências na luta antirracista e por território livres compartilharam experiências que fortaleceram estratégias de resistências. Um desses momentos está disponível online na página do JNT⁵, onde teve a mediação do Mikael e participação de duas lideranças mulheres indígenas, Djelma Guajajara e Vanussa Guajajara, ambas da Terra Indígena Rio Pindaré, localizada entre os municípios de Bom Jardim e Santa Inês, no Maranhão.

Dos diversos momentos e falas que foram compartilhados, socializamos aqui reflexões sobre o dia da atividade do quintal como espaço ancestral, onde os cursistas comunicados previamente compartilharam histórias, imagens, vídeos e saberes dos seus quintais. Os quintais são espaços que guardam memórias, são territórios ancestrais em disputa, neles e a partir deles se compartilham experiências, se tece política com afetos, e se revisita os vivos e os mortos.

Brena Maria, artista negra, em seu quintal com os pés tocando a terra cantou,

Eu sou o Atlântico Negro
Eu sou o Atlântico Negro
Eu sou o Atlântico Negro
Neeeeeeeeegroooo
Eu sou

Esse canto interpela a sociedade como um todo e faz eclodir desde os porões dos navios negreiros, revolta e força. Nossos quintais, na cidade ou no campo, são espaços onde plantamos as ervas, onde tiramos as folhas e raízes que usamos nos chás que curam nossas enfermidades e nos banhos de cheiros de limpeza energética dos nossos corpos/mentes. Mesmo na cidade, ainda se ouve baixinho rios, mares e se ver pássaros, árvores, plantas e Mata – tem lugares na cidade que quando cai aquela chuva fina e molha à terra aciona memórias de cheiros da infância e nos conectam novamente com as comunidades, aldeias e quilombos.

Nos quintais, cultivamos os canteiros onde tiramos os temperos (coentro, cebolinha, pimentão, salsa, etc.) que usamos para cozinhar nosso alimento, cultivamos os pés de frutas (acerola, jaca, abacate, caju, manga, pitomba, cajá, goiaba etc.), criamos nossos animais (galinhas, galos, patos, cutias, porcos, etc.) e recebemos visitas de outros entes, como os encantados/entidades, beija-flores, passarinhos, borboletas e outros.

Nos quintais, aprendemos desde cedo com os mais velhos a plantar resistência, neles os ancestrais também estão. VanussaGuajajara nos ensinou que,

Eu tenho dito que essa pandemia veio para ensinar muitas coisas, principalmente para nós jovens valorizarmos nossos anciões, cultivar e conhecer as ervas de cura. Veio para abri os olhos dos jovens para essa modernidade. Agora estamos sentindo a dor de não vivenciarmos o luto para fazer os rituais de passagem dos mortos, pois esse é um momento de união

⁵Live disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=wRyCrPhZmOk&t=1700s>> Acesso em: 15/10/2020.

importante para nós originários, nesse momento em meio aquela perda é quando nos fortalecemos, estando juntos ali.

Na luta pela terra, é histórico e grande o número daqueles que tombam em defesa da vida, mas em tempos de pandemia não poder viver o luto coletivo com os cantos específicos daquele momento é morte também, pois rasga os tecidos comunitários e impossibilita a feitura dos processos curativos, que só são possíveis quando se está junto, em roda, de braços dados convidando pelos cantos e som dos maracás as entidades para dar força para o território como um todo.

Djelma Guajajara nos contou o quanto esse espaço é importante para eles enquanto povos indígenas e que ali é o lugar usado para preservar suas culturas. É onde se têm o jenipapo, o urucum entre outras plantas e ervas medicinais que eles preservam na aldeia. No quintal, eles fazem pequenas hortas e que isso tem ajudado muito no sustento alimentar e no entender o próprio território. Assim, o quintal é o território e o território um grande quintal, dele colhemos ensinamentos, forças e uma identificação profunda com a terra, pertencimento.

Nas comunidades rurais, muitas vezes o terreiro do quintal se torna o espaço de receber visitas, onde tomamos café enquanto a conversa flui. O quintal é um espaço de confraternização, de rememoração/reconexão com a nossa ancestralidade, com os saberes e conhecimentos que são passados de geração a geração. É uma extensão da nossa casa/território. O que temos nos nossos quintais fala muito da nossa relação com a *Natureza*, entendida como parte de nós, complemento da nossa humanidade, fundamento de nossa política e de ações diárias. Essa natureza que é viva!

O Quintal é um dos primeiros espaços de lazer, de contato com a terra, que temos quando ainda somos erês/curumins. Na cidade, as plantas dos nossos quintais dão vida e cor aos concretos, ao cimento cinza, às lajes. Às vezes, na cidade, não podemos ter um quintal, tudo é muito pequeno, a Modernidade o tempo todo dizendo que não há espaço para a *Terra*, mas ainda assim ressignificamos e trazemos nossos quintais para dentro de nossas casas, para as nossas janelas onde colocamos as plantas para tomar sol ao amanhecer, para energizarem o ambiente, nossas salas, nossos corpos. Nos varais dos nossos quintais estendemos nossas roupas lavadas, o vento passa entre elas e as seca, vigilantes com as roupas acompanhamos as mudanças do *Tempo*, sol e chuva. O tempo muda e o quintal se renova a cada temperamento que o tempo tem, ambos nos ensinam a ter paciência e a ser resilientes.

As perguntas que impulsionaram o debate foram:

- O que há no seu quintal?
- O que costumam fazer nesse espaço?
- Quais as histórias e memórias que você tem desse lugar?

Aldenir da comunidade de Sítio do Meio II no município de Santa Rita no Maranhão nos contou que,

O meu quintal não é somente a área do fundo da minha casa, e não envolve somente as coisas que temos lá. Meu quintal é toda minha comunidade, e pensando assim me lembro das vivências, das pescarias e ensinamentos com minha mãe, que já faleceu, nos campos naturais. Lembro de tudo que ela me ensinou na prática, de cada riso e dificuldade. E lembrar desses momentos me traz felicidades. Os campos naturais são de onde muitas famílias daqui tiram

seus sustentos, mas estão ameaçados o pessoal do governo querem passar linhões aqui dentro e instalar áreas para se criar camarões dentro dos nossos quintais. Isso não beneficia a gente aqui não. Assim, se meu quintal está ameaçado eu também estou! Essa atividade do quintal ancestral me despertou muitas coisas que eu não havia pensado antes, e partilha isso aqui mesmo online é acolhedor. Esse é um espaço que possibilita minha fala, e minhas vivências como sendo importantes.

Partilhando falas, poesias, músicas, fotos e vídeos durante essa atividade online conseguimos atualizar laços de uma política tecida com afetos desde 2014 no qual muitos que tornaram a escola de formação política possível já viraram sementes.

Esse é um tempo de um isolamento forçado, é importante para evitar o avanço do Covid, mas se você olhar para os dados que as grandes mídias divulgam sobre quem morre dessa doença, faz é adoecer mais a gente. As pessoas não podem ser lidas, esvaziadas em número oficiais. Elas têm nomes e são nossos parentes/familiares, isso dói na gente (Raimundo do quilombo Rampa/MA).

Raimundo, do Quilombo Rampa, nos contou que eles perderam sua anciã e que por trás das mortes ocasionadas pelo COVID 19 existem histórias de muitas pessoas e que isso tem deixado muita dor.

Vanusa Guajajara, da T. I. Rio Pindaré, Aldeia Piçarra Preta, nos falou que: “a gente fez uma grande reunião e organizamos um decreto comunitário dentro da Aldeia”, no sentido de impedir a entrada de pessoas de fora e também a propagação do vírus entre os indígenas.

Djelma Guajajara, também da Aldeia Piçarra Preta, disse que mesmo de início eles tomando todas as medidas cabíveis de isolamento e distanciamento social o vírus ainda chegou na Aldeia e eles perderam 3 anciões/anciãs e entre quais, ela rememorou sua avó, uma pessoa de muita força, energia e respeito que acabou falecendo após ser infectada com o vírus.

Marciel, quilombola do Território Quilombola Santa Rosa dos Pretos, chamou nossa atenção para a grande falta de comunicação que está presente dentro dos territórios nesse contexto da COVID-19 e que a falta de teste tem sido uma realidade dessas comunidades, que segundo ele “estão a mercê da situação, fazendo campanhas e isoladas sem perspectivas”. Ele nos contou sobre uma campanha de arrecadação de cestas básicas feitas pelos Jovens dos Agentes Agroflorestais Quilombolas (AAQ), ao qual ele faz parte, e que fizeram distribuição em várias comunidades do município de Itapecuru Mirim (MA) e em outras duas comunidades de municípios vizinhos Miranda do Norte e Bacabeira.

Jaqueline, do Quilombo Mata de São Benedito, nos contou que eles estão afetados de várias maneiras e que o território tem uma BR que passa bem em frente e que eles precisam ir à sede do município (Itapecuru) para comprarem alimentação. Mesmo eles tomando os cuidados, estão com medo.

Djelma Guajajara nos contou ainda de como tem sido difícil esse momento de pandemia, de isolamento e de distanciamento. Falou que “os não indígenas tem entrado no território e estão tirando madeiras e pescando em nossos Rios e isso é uma coisa que sempre vem acontecendo e agora tem aumentado, porque estamos em casa, nós fizemos o possível para melhorar e não ter casos aqui, mas chegou e agora tá piorando. Tem uma coisa aqui, que tem me incomodado muito, estão jogando lixo aqui dentro do nosso território. O pessoal vem da cidade colocar os

lixos aqui, tem até lixo hospitalar seringas, vacinas, coisas de curativos é tudo jogado ali e agora estou vendo como fazer uma denúncia sobre essa ação aqui”.

Das narrativas de denúncia as violências para além do medo do Covid-19, os jovens do Taim (Dálila, Carlos Henrique e França) relataram que,

A comunidade do Taim durante a pandemia vem sofrendo muitas alterações e degradação, porque aqui como é uma comunidade rural e em São Luís estavam debatendo sobre o plano diretor da cidade, queriam tirar as características de zona rural de São Luís. Desde 2016 estamos discutindo sobre o plano diretor da cidade, nós tivemos algumas audiências públicas, mas como sempre querendo transformar a zona rural em zona industrial, mas lutamos para permanência em zona rural. A discussão ainda está parada sobre o Plano Diretor da Cidade, na Câmara da prefeitura, então, durante a pandemia nós continuamos sofrendo os impactos das empresas que estão querendo se instalar aqui.

A comunidade do Taim fica localizada na zona rural II, de São Luís – MA, é uma comunidade que vive da pesca e da agricultura de subsistência. É uma comunidade extrativista, descendentes de pretos e também de índios, onde poucas pessoas vivem do trabalho formal. É uma das 12 comunidades tradicionais da Resex de Tauá-Mirim⁶ que desde 2013 espera e se mobiliza em prol do reconhecimento jurídico, o que evitaria deslocamentos compulsórios e a entrada de empreendimentos nas comunidades.

França destaca dentre tantas outras coisas que,

Nós lutamos não só pelo Taim, lutamos pelo território da Resex todo, pois tem outras comunidades que querem também o seu modo de vida respeitado. Não queremos um território danificado pelo homem branco, pelos governos, pela ambição das pessoas, a gente defende nossos direitos, direitos humanos, lutamos pelos direitos, direito do bem viver.

Sobre a pandemia, a ex-cursista, educadora popular, pedagoga e ativista quilombola Zica Pires, do Território Quilombola Santa Rosa dos Pretos, localizado no município de Itapecuru-Mirim – MA, quando questionada durante a entrevista para a Coluna Opinião em 13 de maio de 2020 sobre o que o estado precisa fazer pelas comunidades, elas respondem: “O que o estado precisa fazer por nós, quilombolas, nesta pandemia, é parar de tentar nos matar, como fazem agora com a possibilidade de retomada das obras de duplicação da BR 135”⁷.

PESSOAS QUE BROTAM: considerações sem pretensão de serem finais

Corpo terra⁸

Com as mãos enfiadas na terra

⁶Mais informações em: <<https://acervo.socioambiental.org/index.php/acervo/noticias/ministro-do-meio-ambiente-sarney-filho-se-declara-contracriacao-da-resex-taua>> Acesso em: 05/10/2022

⁷Entrevista disponível em: <<https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/opiniao/2020/05/13/maos-pretas-de-onde-vem-a-boa-noticia-em-meio-a-pandemia.htm>> Acesso em: 30/07/2020.

⁸Poesia da socióloga e educadora popular Dayanne Santos pesquisadora ativista do GEDMMA/UFMA.

Minha vó filosofava com as plantas
Ela quando falava, se emocionava
Eu via essa cena em silêncio
Mas, não entendia
Era tanta da planta dentro de casa
Que parecia família
Lembro de um dia
Eu resolvi arrumar a casa
Eu tinha uns 14 anos
Eu disse:
Vó tem que diminuir esse matagal
Ela me olhou, sorriu e disse:
Deixa de besteira menina
Isso não é mato, são ervas
Daqui que eu faço chá, remédios pra vocês
Com as mãos enfiadas na terra
Hoje eu entendo o conteúdo daquela relação
E a circularidade da vida que emana da terra preta
O fundamento do meu corpo
É essa identificação profunda com a terra
Com as mãos enfiadas na terra
Minha vó
Sem saber ler
pressionava a branquitude, a colonialidade e o racismo.

A escola de formação política propiciou e propicia demandas de espaços formativos voltados para o fortalecimento e resistência dos povos e comunidades tradicionais, ao longo do Corredor Carajás no estado do Maranhão, frente às infraestruturas que permaneceram como consequência do avanço das políticas desenvolvimentistas no Brasil. Nesse sentido, visamos com este trabalho, incentivar a reflexão crítica e fortalecer as lutas pelo acesso a políticas públicas, aprofundando discussões acerca das temáticas sobre natureza, territórios, direitos humanos e desenvolvimento. Assim os relatos aqui compartilhados são teses sistêmicas e cosmológicas sobre a defesa da mãe natureza, da reprodução da vida na luta pela permanência nos territórios tradicionais. A Escola da Formação Política dentre tantas coisas é um instrumento de luta e de visibilidade para os povos oprimidos, ou seja, é um espaço de liberdade e de libertação de corpos, mentes e territórios negros, originários, quilombolas, camponeses, ribeirinhos, etc. Pois segundo a mestra Conceição Evaristo, “a nossa escrivência não pode ser lida como história de ninar os da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos”⁹.

⁹ Informações disponíveis em: < https://twitter.com/semspoiler_/status/1071154346103107584 > < <https://tvbrasil.etc.com.br/estacao-plural/2017/06/nao-escrevemos-para-adormecer-os-da-casa-grande-pelo-contrario-diz-conceicao> >. Acesso em: 27/05/2023.



ManmanKazi – senhora da terra, mãe da ancestralidade e de todos e todas
Desenho/arte: Zica Pires liderança mulher preta do Território Quilombola Santa Rosa dos Pretos (MA)



Referências bibliográficas

BRUSTOLIN, Cíndia. **Liberdade ça jeito**: a história de todos na história de cada um / Brustolin, Cíndia [Org.]. – São Luis, EDUFMA, 2019.

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs**, p. 223 – 244, 1984.

hooks, bell. **Ensinando a Transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

hooks, bell. **Teoria feminista**: da margem ao centro. Tradução Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.

MBEMBE, A. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte. São Paulo: N-1 edições, 2019.